

Governo com gosto de fel

Não se pode dizer que aconteceu de repente; o governo não tem como alegar que foi surpreendido: os sinais se amiudavam desde meados de 95, quando a cascata de aprovação das reformas pelo Congresso secou e as coisas começaram a desandar.

Mas, só agora, depois da advertência da primeira derrota parlamentar na votação pela Câmara da emenda da Previdência Social — depois revertida em operação ainda hoje criticada pela utilização de condenáveis expedientes para a cooptação dos votos negados na rebeldia da malcriação dos insatisfeitos —, o presidente Fernando Henrique Cardoso está provando o gosto amargo de fel que azeda a alma da outra face do governo.

Nos últimos dias, desde o massacre dos sem-terra no Pará, as notícias ruins jorram em esguicho ininterrupto, como se a sorte que o acompanhou desde a campanha virasse pelo avesso, por arte de algum espírito perverso.

Erros escondidos pelo êxito do Real, falhas gritantes no desempenho da máquina burocrática, desacertos e desniveis do ministério inchado e ruim de rotina, uma certa ligeireza em tratar de assuntos graves e urgentes relegados a segundo plano, a excessiva confiança no sortilégio da palavra e das habilidades de comunicador do presidente — tudo isso irrompeu dos fundos do governo e aparece exposto à luz da cobrança da sociedade mobilizada e inquieta.

A banda áspera sobrepõe-se à superfície lisa na qual o governo deslizou no primeiro ano venturoso. E apresenta sua conta, com os juros da impaciência.

Sacudido pelo clamor interno e a terrível repercussão internacional da matança dos sem-terra, o presidente assumiu a articulação das providências urgentes em ritmo até então desconhecido, reviu a agenda para definir a prioridade e joga tudo na dura parada para reverter o quadro. Antes que seja tarde.

Cancelou a viagem aos Estados Unidos — imagine-se com que dor no coração. A malícia das futricas de Brasília atribui a desistência do infatigável viajante ao temor de manifestações hostis. Pode ser. Mas, certamente que Fernando Henrique caiu em si, assumiu a presidência também para os encargos desagradáveis e decidiu permanecer em Brasília.

Resgatam-se dos escaninhos do esquecimento propostas e projetos que mofavam no Congresso e no papelório do Executivo. Promete-se a ressurreição, a toque de caixa, do Ministério Extraordinário da Reforma Agrária, prevista para as próximas horas, se o presidente não mudar de idéia.

Apressa-se a desapropriação de fazendas ocupadas para o assentamento de milhares de famílias. Convocado e posto em brios, o Congresso compromete a dar conta da sua parte, com a aprovação de projetos criando a guarda nacional para atuar nas emergências e varas privativas na Justiça para as questões do campo.

A vaia de Porto Seguro soa como a estridência da indignação nacional. É claro que se trata de manifestação programada pelas mesmas lideranças radicais que jogam com a vida dos outros sem avaliar os risco do confronto desigual.

Mas, a crítica do presidente “aos que querem explorar a tragédia de uns em benefício de pequenos grupos políticos organizados” não tem a força da denúncia de um dos aspectos do problema.

Antes de mais nada, Fernando Henrique precisa penitenciar-se do tempo perdido e assumir a liderança da reforma agrária. E que, com a omissão do governo, foi empolgada pelo Movimento dos Sem Terra. Organizado, atuante e politizado.